

# E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2525  
19/MARÇO/2021

+

## Harry & Meghan

Quando a novela da vida real dá mais do que a vida na corte  
Por Paulo Anunciação, em Londres

## Futuro

O admirável mundo novo do teletrabalho  
Por Cristina Margato

Prémio  
Pessoa  
2020

# Elvira Fortunato

Um ano após ter recebido várias distinções internacionais, a cientista e diretora do CENIMAT é galardoada com o mais prestigiado prémio português  
Entrevista de Virgílio Azevedo  
Fotografias de Tiago Miranda



# E

lvira Fortunato não esperava ganhar mais um troféu depois de um ano em que tudo lhe correu tão bem, culminando com o Horizon Impact Award 2020, o prestigiado prémio atribuído pela UE ao seu projeto Invisible na área da eletrónica transparente, que teve um impacto internacional surpreendente, com mensagens de parabéns de cientistas de todo o mundo. Mas a cereja no bolo ainda estava para vir e só foi conhecida agora, em 2021, com a atribuição do Prémio Pessoa 2020, que distinguiu o seu “contributo notável para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação portugueses”, como refere um comunicado do júri presidido por Francisco Pinto Balsemão. Aos 56 anos, a vice-reitora para a Investigação da Universidade Nova de Lisboa é professora catedrática da Faculdade de Ciências e Tecnologia, diretora do Centro de Investigação de Materiais (CENIMAT) e do i3N – Instituto de Nanoestruturas, Nanomodelação e Nanofabricação, que têm dos melhores laboratórios do mundo. E foi de 2015 a 2020 um dos sete membros do Grupo de Alto Nível de Aconselhamento Científico da Comissão Europeia. Desenvolveu o primeiro ecrã totalmente transparente, é pioneira mundial na eletrónica de papel e participou em 2020 na criação de painéis fotovoltaicos portáteis, leves e flexíveis em filmes finos, que podem ser aplicados em qualquer dispositivo eletrónico, como um telemóvel, *tablet* ou computador portátil, e também no tejadilho de um automóvel, chapéu de sol, mochila ou peças de vestuário. Em entrevista ao Expresso, Elvira Fortunato diz que “na igualdade de género na investigação científica Portugal está à frente, acima da média europeia e mesmo acima de países como a Suécia”, mas salienta que “há uma discriminação das mulheres a nível da progressão nas carreiras”. Reconhece que com a pandemia a

ciência ganhou uma grande projeção mediática, o que também lhe dá mais responsabilidade, e “o cidadão comum viu que sem ciência este problema não se resolvia, nunca se chegava a uma vacina”. E continua a insistir que não trabalha para prémios, apesar de já ter recebido muitos.

#### Qual é a situação de Portugal em termos de igualdade de género na investigação científica?

Estamos à frente, com cerca de 50% de mulheres cientistas e engenheiras, é um indicador em que Portugal está acima da média europeia (41%) e mesmo acima de países como a Suécia. As mulheres ganham o mesmo que os homens, mas há uma discriminação a nível da progressão nas carreiras. Por isso a Universidade Nova está envolvida num projeto da UE liderado pela Universidade do Sul da Dinamarca, em Odense. Chama-se SPEAR e tem precisamente como objetivo corrigir a assimetria que existe no Ensino Superior em termos de igualdade de género ou igualdade de oportunidades, removendo as barreiras e melhorando as perspetivas de carreira das mulheres na academia, fortalecendo a dimensão de género na investigação e aumentando a sua participação nos organismos de decisão. Em Portugal não há nenhuma universidade que tenha um gabinete ou um departamento que se ocupe destas questões. O SPEAR pretende, assim, estabelecer os planos de igualdade de oportunidades dentro das universidades de uma forma oficial. Aliás, fala-se muito que no novo programa da UE de apoio à ciência e

à inovação até 2027, o Horizonte Europa, uma das coisas que será exigida quando uma universidade ou um instituto se candidatar, é precisamente ter esses planos de igualdade de género, ou seja, olhar para as estatísticas e tentar fazer correções às assimetrias que existem.

#### Já olharam para as estatísticas da Universidade Nova?

Sim. Estamos a trabalhar sobre elas no SPEAR, mas a verdade é que nunca tínhamos olhado para as estatísticas de género da Nova, isto é, quantas catedráticas, professoras ou investigadoras existem, etc. Por exemplo, a universidade já atribuiu 110 doutoramentos *honoris causa* e só oito foram a mulheres, o que não faz sentido. O próprio reitor ficou surpreendido quando viu estes números, até porque a equipa reitoral tem quase uma igualdade de género: cinco homens e quatro mulheres. E na docência as posições superiores ainda são dominadas por uma maioria masculina, porque só 27% dos professores catedráticos são mulheres, o que até não é mau em termos europeus, porque na Alemanha, por exemplo, este número está abaixo de 10%. Assim, só o facto de olharmos para estas estatísticas é construtivo. E a partir daqui é fazer estes planos de igualdade de oportunidades e definir os instrumentos. Na universidade, as mulheres que querem ser mães são prejudicadas relativamente à carreira dos homens porque, mesmo que tenham mais tempo de compensação, há coisas dos filhos pequenos que ainda estão mais ligadas às mães do que aos pais. E nem

todas as universidades em Portugal têm creches para os filhos dos seus funcionários. Na Nova só existe uma, no *campus* da Faculdade de Ciências e Tecnologia, no Monte da Caparica, onde eu trabalho. Ora, instrumentos como este ajudam e há mesmo uma série de pequenas iniciativas que têm custo zero e podem ser postas em prática. No fundo o projeto SPEAR serve não só para criarmos o Gabinete de Igualdade de Oportunidades, mas também os respetivos planos. E os seus objetivos já estão no Plano Estratégico da Universidade Nova para os próximos dez anos.

#### O que se passa na Nova, por exemplo, em termos de financiamento de projetos?

O que as estatísticas dizem é que há mais sucesso no feminino do que no masculino. Nas bolsas milionárias do Conselho Europeu de Investigação (ERC), que são o topo em termos de financiamento da UE, das 21 bolsas já ganhas pela Nova, 68% foram para mulheres, embora em todo o país este valor tenha atingido 43%. E os projetos de investigação nacionais e europeus financiados desde 2017 foram também mais atribuídos a mulheres (53%) do que a homens. Por outro lado, na investigação a maioria das posições (64%) são ocupadas por mulheres, independentemente da fase da carreira. Ou seja, o sucesso da investigação científica na Nova é feminino (risos). Claro que quando digo isto não quero, de maneira nenhuma, denegrir o sucesso dos homens. Aliás, devido à existência deste problema da igualdade de género é que a própria



**Nas universidades as mulheres ganham o mesmo que os homens, mas há uma discriminação a nível da progressão nas carreiras”**





Comissão Europeia financia projetos de investigação para o estudar, de modo a que seja resolvido.

#### Como reagiu quando soube que tinha ganho o Prémio Pessoa?

Fiquei contente por duas razões: porque foi atribuído a uma mulher na semana do Dia Internacional da Mulher e porque premiou a área da ciência numa altura em que, face à pandemia, o cidadão comum tem ficado muito mais alertado para a importância de se investir na investigação científica. Nos 34 Prémios Pessoa já atribuídos só há sete mulheres. E é a primeira vez que a área das engenharias é contemplada. O prémio foi anunciado a 11 de março ao fim da manhã e soube nesse dia que até às 15 horas já tinham saído mais de 100 notícias nos *media* de todo o país, o que me surpreendeu. Por outro lado, lembrei-me logo de um poema que gosto muito de Ricardo Reis (heterónimo de Fernando Pessoa), que está decalcado numa parede do anfiteatro do Centro de Investigação de Materiais (CENIMAT) que dirijo, no *campus* da Universidade Nova no Monte da Caparica: “Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / No mínimo que fazes / Assim em cada lago a lua toda, / porque alta vive.” Este poema tem muito a ver com o espírito que temos no CENIMAT. Todos os alunos da Faculdade de Ciências e Tecnologia que passam pelo anfiteatro são obrigados a ler (risos), é um conselho que o Fernando Pessoa nos está a dar.

**Ao longo da sua carreira já sentiu alguma discriminação por ser mulher?** Não, nunca senti. Também é verdade que nunca me candidatei a diretora de uma escola ou a reitora de uma universidade. Mas às vezes as mulheres também não tomam a iniciativa de se candidatar a cargos de chefia.

**Há cinco meses, numa entrevista que deu ao Expresso, disse que a burocracia da Administração Pública “era diabólica”, por não conseguirmos gastar dois milhões dos 3,5 milhões de euros da bolsa do ERC que ganhou para comprar um grande microscópio eletrónico para o centro de investigação que dirige, porque há mais de um ano que estava a tratar de um concurso público para a sua aquisição. O problema já foi resolvido?** Ainda não. Em todo o caso, há um dado novo. Fui eleita recentemente

## Com a pandemia o cidadão comum viu que sem ciência este problema não se resolvia, nunca se chegava a uma vacina”

para o Conselho Nacional de Investigação, Tecnologia e Inovação (CNC-TI), que tem 20 representantes das empresas e da academia. E fomos convocados para uma reunião com os ministros da Economia, Pedro Siza Vieira, e da Ciência, Manuel Heitor, para nos pronunciarmos sobre o Programa de Recuperação e Resiliência (PRR). Uma das questões que abordámos foi precisamente a desburocratização, num relatório feito por mim, por José Manuel Mendonça, presidente do INESC TEC, e por António Cunha, hoje presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, onde identificámos 27 soluções e medidas de simplificação. E ainda nada foi feito. Nessa reunião eu alertei que o sucesso do PRR dependerá precisamente da simplificação da Administração Pública, porque vamos ter muito dinheiro em simultâneo: o resto do Portugal 2020 que ainda não foi gasto (o limite é 2023), o próprio Orçamento de Estado, o Programa Portugal 2030 e o PRR. E eu já disse que vamos ter uma ‘indigestão de dinheiro’, o que significa que teremos de o saber gerir muito bem, porque se não simplificarmos, de duas uma: ou vamos gastar mal ou não vamos executar.

#### Acha que Portugal não tem capacidade para gastar bem tanto dinheiro?

No limite vamos gastar, mas corremos o risco de gastar depressa e mal. Por isso espero que se simplifique, que as regras sejam transparentes para se poder executar bem e nos prazos fixados. Devolver dinheiro acho que é impensável, ficáramos muito mal no retrato.

#### Há dinheiro do PRR para a investigação científica?

Não. O programa destina-se basicamente a ajudar a economia. Mas vão existir as Agendas Mobilizadas e depois abrem-se chamadas

(concursos) para projetos que o Governo identificou. E formam-se então consórcios coordenados por empresas para se candidatarem, onde é obrigatória a participação de universidades ou centros de investigação, porque as empresas não podem gerar mais inovação se não tiverem o conhecimento que vem das universidades.

#### As notícias sobre o Prémio Pessoa deram mais exposição pública à ciência e o mesmo tem acontecido com a pandemia nas ciências da saúde. De repente as pessoas começaram a ver os cientistas a aparecerem com muita frequência nos *media* e o Governo a dizer que estava a tomar decisões com base na ciência. Ou seja, a ciência teve em Portugal e noutros países uma exposição pública que nunca tinha acontecido.

É verdade, e não só nas ciências da saúde, mas também nas áreas da matemática e da estatística, com todas as simulações e previsões divulgadas diariamente, que projetaram uma série de cientistas e investigadores que antes eram praticamente desconhecidos do grande público. Com a pandemia o cidadão comum viu que sem ciência este problema não se resolvia, nunca se chegava a uma vacina. Por isso foi importante existir um investimento grande na ciência em termos internacionais. E como havia um foco comum, porque o problema era global, houve uma percentagem muito grande de cientistas que trabalharam em conjunto para atingirem aquele objetivo, enfim, houve uma cooperação internacional muito alargada. Daí que se tenha chegado a uma vacina num espaço de tempo tão curto, ao contrário do que aconteceu no passado.

#### Este sucesso pode beneficiar outras áreas da ciência que não estão relacionadas com a pandemia, nomeadamente as que têm uma grande influência na vida das pessoas?

Acho que sim. Claro que a pandemia é uma coisa negativa, como é evidente, mas aprendemos muito e podemos capitalizar muito do bom que a pandemia nos trouxe e utilizá-lo noutras áreas, como a transição digital. Com a expansão do teletrabalho, houve processos administrativos aqui na universidade, por exemplo, que foram acelerados para a forma digital. Mas se estivessemos numa situação normal, demorariam certamente muito mais tempo a acontecer porque, na verdade, as pessoas não gostam muito de mudar. Só que sem mudança não há progresso.

#### A grande exposição mediática dos cientistas ao público em geral pode também trazer problemas?

Penso que não, esta exposição é benéfica, porque as televisões passaram a falar mais de ciência e menos de futebol — não é que eu não goste de futebol, até ia aos estádios antes da pandemia — mas acho que do ponto de vista da informação dada pelos *media*, esta visibilidade dos cientistas acabou por ser importante para o interesse público.

#### Liderou a criação de um dos 26 laboratórios colaborativos (Colab) hoje existentes em Portugal, o Almascience — Celulose para Aplicações Inteligentes Sustentáveis, que pretende fazer a ponte entre a investigação e a indústria na eletrónica de papel. Este é o modelo mais adequado para levarem para o mercado as vossas descobertas nesta área pioneira a nível mundial?

Sem dúvida. É um modelo muito parecido com o do Instituto Fraunhofer, na Alemanha, que é a maior organização de investigação aplicada na Europa e tem uma rede com grande sucesso. Existe uma parceria entre Portugal e esse instituto, a Associação Fraunhofer Portugal Research, que é, aliás, uma das fundadoras do Almascience, juntamente com a Faculdade